

O filósofo Michael Foucault em suas elucubrações enfatizou que “as práticas fazem o sujeito”. A psicanalista Joana de Vilhena Novaes concorda e acredita que a ditadura da beleza imposta a mulheres e homens atualmente é proveniente de um corpo de classe. Um corpo que pauta cada dia mais as práticas e ações da vida de todos, sejam pobres ou ricos. “O corpo é um capital valioso que serve para todos. É um passaporte da felicidade que faz encarnar de alguma forma no mundo moderno, a figura do sucesso”



Tatiana Lima*

Estudiosa dos transtornos psíquicos ligados à beleza há mais de 15 anos, a coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio, Joana Novaes, avalia que atualmente a sociedade não tolera a gordura. “É inadmissível você ser gordo. Todo mundo se apieda da anorexia, que está um ‘fiapinho’, mas todos criminalizam a gordura, a pessoa gorda, sem perceber que é o reverso das duas moedas”. E completa: “Vivemos não só uma ditadura como uma moralização da beleza”.

Recentemente, as consequências dessa intolerância tornaram-se públicas pela âncora de TV Jennifer Livingston, do canal CBS, nos

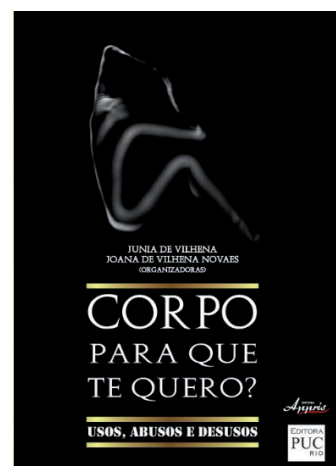
Estados Unidos. Em um e-mail intitulado “Responsabilidade Social” enviado à redação do programa, um homem falava que Jennifer era obesa e um mau exemplo para as pessoas, principalmente as garotas. “Obesidade é uma das piores opções que uma pessoa pode fazer e um dos piores hábitos para se manter. Espero que você reconsidere sua responsabilidade social como pessoa pública”.

Jennifer não deixou barato. Ao vivo, ela acusou o homem de praticar bullying e mandou um recado. “Para a pessoa que me escreveu essa carta: Você acha que eu não sei disso? Que suas palavras cruéis estão me mostrando algo que eu não vejo? Você não me conhece, não é meu amigo, não faz parte da minha família. Você não sabe nada sobre mim além do que vê por fora. E eu sou muito mais do que um número na balança”. O vídeo do depoimento da âncora (acesse em



<http://migre.me/cReKb>) tornou-se um viral na internet depois que ela foi convidada para participar do talk-show de Ellen Degeneres, uma das principais apresentadoras de TV nos EUA.

Para a autora dos livros *Com que roupa eu vou?*; *O intolerável peso da feiúra*; e a recente coletânea *Corpo pra que te quero? Usos, abusos e desusos*, a corpolatria e



a lipofobia – medo absurdo e irracional da gordura imaginária – são fenômenos modernos, mas principalmente massificados pela mídia. O que a pesquisadora propõe é uma trégua. Um olhar generoso que cada um deve ter ao se ver no espelho. Sem concessões exageradas ao culto do corpo ou ao desleixo. Afinal, qualquer extremo é ruim e adocece. Confira a entrevista.

A: DE CLASSE



Ideias – Há na sociedade atual um grande culto ao corpo magro e da beleza a ser alcançada. Quais são as palavras de ordem hoje?

JOANA NOVAES – O corpo é um capital valioso e serve para todos. É um passaporte da felicidade que faz encarnar de alguma forma no mundo atual a figura do sucesso. Ele é importante nos processos de recrutamento etc. Tornou-se capital valioso porque demanda que o sujeito tenha tempo e dinheiro para investir. Por isso, a ditadura da beleza, da magreza, se tornou um sintoma social, pois há um grande contingente de pessoas hoje que sofrem por não perceberem a sua própria estética atendendo ao que elas imaginam sendo uma demanda social. É um discurso que diz: você tem que ser magro! Se não o for a culpa é sua porque não lançou mão de todas as práticas corporais disponíveis no mercado, para alcançar esse objetivo. Isso é incorporado ao

discurso social de que esse corpo é de acesso a todos: pobres e ricos. A televisão no Brasil é um veículo fundamental de disseminação da ideia da magreza, que em última análise é um corpo de classe historicamente capitalista.

Ideias – Por que é um corpo de classe?

JOANA – O ideal estético sempre é um corpo de classe porque poucos cidadãos vão poder ter acesso a esse “bem”. TEMPO é um LUXO! Dinheiro também! Você pode olhar as gôndolas do supermercado Guanabara ao Zona Sul, os produtos orgânicos, diets ou lights estarão lá, porém, são mais caros. Ou seja, não é acessível a todos. Então, o discurso é perverso porque ele dá a falsa ilusão de que esse corpo ideal, esse “bem”, é para todos. Isso causa um sentimento generalizado de intolerância para com aqueles sujeitos que não estão em conformidade corporal com o padrão estético considerado certo. É um consenso nas ciências médicas e humanas chamar esse fenômeno de MORALIZAÇÃO da BELEZA.

Ideias – O que isso gera no cotidiano?

JOANA – Há um comportamento social de atribuir um julgamento extremamente severo e crítico a todo e qualquer sujeito que não se enquadra nesse padrão estético. Você vai chamar uma pessoa, por exemplo, que está acima do peso, de desleixada, preguiçosa, mau caráter, inclusive. No imaginário social, isso define nossas crenças e valores, a imagem que nós temos associada a gordura, que virou doença. É por isso que as pessoas sempre ficam em dúvida: é ditadura da magreza ou ditadura da beleza? Na verdade, as duas coisas caminham juntas. É um tripé: beleza, magreza e saúde. Não conseguimos mais desassociá-las. A gordura ficou associada à doença.

Ideias – Mas isso é um pensamento moderno não?

JOANA – Se nós caminhamos historicamente veremos que a gordura já foi associada à prosperidade. As musas renascentistas todas eram sinuosas e rechonchudas. O padrão mudou após a era da revolução industrial, mas a questão é o porquê da mudança. Temos que pensar no que é um “bem de consumo” em termos de status social para cada era a que poucos têm acesso. O que hoje em dia é um luxo? TEMPO. A maioria esmagadora da população vai se esfalhar porque é da produção que se alimenta o capitalismo. Nesse sentido, nossa cultura é extremamente calvinista, pois diz que: se você se esforçar, sofre toda a sorte e caráter da disciplina, persistir, suportar uma dieta super-rigorosa, a rotina exaustiva de exercício, aí você vai ter a recompensa por esse mérito que é seu, ou seja: expor esse corpo (esse capital) não só na sociedade, mas na mídia, desde a capa da revista a TV, ter um bom emprego, um marido lindo ao lado, ser considerada bela, em suma.

Ideias – Mas você disse que o corpo é de classe. O culto a magreza é algo historicamente novo, não?

JOANA – Quem é que tinha nesta época acesso a comida? Uma parcela mínima da população: a nobreza que comia fartamente e bem. A maioria da população morria famélica de cólera. A comida era um “bem” escasso não só por causa da dificuldade de acesso a ela, mas devido à conservação, o que não é o caso hoje, tanto que a obesidade se tornou um problema de saúde público. O padrão mudou porque o acesso ao “bem” da comida mudou.

Ideias – Mas o acesso à comida, a comida saudável, é cara como você mesma ponderou...

JOANA – Justamente. Por isso, além do corpo ser de classe o discurso é perverso e faz as pessoas adoecerem. Se você pensar nos itens que contemplam a cesta básica

verá que são calóricos, com muitos carboidratos, um hábito difundido socialmente e politicamente porque os produtos de alto valor calórico são mais baratos e dão uma sensação maior de saciedade na pessoa. Então, você tem um vetor econômico por trás desse corpo social, desse corpo de classe, seja há 500 anos ou hoje. O que tem de novo historicamente não é o padrão estético em si ou você tê-lo ou não, mas o julgamento moral feito de culpabilizar o sujeito por ser gordo, não ser belo.

Ideias – Um saber disseminado pela mídia...

JOANA – Sim. Eu trabalho na área de obesidade do hospital público da UERJ. Hoje em dia qualquer paciente que procura um posto de saúde ou uma clínica privada para emagrece, sabe claramente o que ele tem que comer. A galhofa está no senso crítico de questionar a figura do médico dizendo: “ok, doutora, mas não tem queijo cottage ou maçã na cesta básica não. A gente está aceitando doação lá em casa”. Por isso, o discurso é perverso. A máxima passada de que só é feio quem quer, que o corpo magro e sarado é acessível a todos, é ilusória. Mas é essa engrenagem! É isso que faz todo mundo adoecer. É um processo insidioso e lento que vai se dando nos seios das relações sociais. Afinal, se eu convenço a você que é o único responsável pelo seu corpo, olha que instrumento valioso e eficiente eu tenho de regulação do corpo. As doenças da beleza se tornaram um sintoma social.

Ideias – E essa engrenagem movimenta um mercado?

JOANA – Uma indústria de bilhões de revistas aos produtos disponíveis em canais de compra, fora as academias. Assim começa a corrida à corpolatria. A diferença de classes está apenas no que se acessa. A mulher, ou homem, de classe abastada paga R\$10 mil num

SPA, o das classes desfavorecidas consome o chá “sete ervas”, o shake, na drogaria, mas vai consumir. E onde a grande maioria da população aprende o que deve ou não comer e o que comprar para emagrecer? Massivamente pela televisão.

Ideias – É por isso que a PUC-Rio abriu um núcleo somente para tratar das doenças da beleza?

JOANA – O serviço da clínica social da PUC à comunidade foi criado há mais de 40 anos. Para a instituição perceber a necessidade de ter um núcleo específico era porque a demanda era alta. A quantidade de pessoas doentes é imensa. São em torno de 1.200 atendimentos relacionados a doenças da beleza. Há também pacientes com transtornos alimentares, mas esse problema é um braço das doenças da beleza. Inclusive, mudou o perfil. Transtorno alimentar era doença considerada de rico. Agora, atinge vorazmente a população pobre.

Ideias – Quais são as chamadas doenças da beleza?

JOANA – Começa com uma insatisfação enorme da própria aparência que pode ocasionar, ou não, anorexia, vigorexia, bulimia, ortorexia, distúrbios alimentares que nada mais são do que uma nova roupagem para o antigo problema de transtorno obsessivo, o TOC. No dia a dia, a pessoa começa a desenvolver uma série de rituais para se alimentar, a dieta vira uma camisa de força, uma jaula, que vai excluindo o sujeito pouco a pouco da vida social porque é uma alimentação muito restritiva.

Ideias – Mas somente esses transtornos obsessivos são indicativos de que a pessoa sofre ou desenvolveu uma doença da beleza?

JOANA – Não. Em geral, você pode classificar as doenças da beleza como todo e qualquer desconforto. Pode não ter qualquer ritual alimentar associativo, mas ele também está com a vida social prejudicada. A avaliação é feita pelas relações sociais: a pessoa nunca namora,



As classes populares consomem vorazmente recursos para atingir esse corpo perfeito, aquele que é colocar como o “bem de consumo” capaz de abrir as portas da aceitação, da inclusão, do convite para festas glamourosas, enfim, o corpo visto como um “bem” para se ter uma vida de sucesso, exatamente, como a TV, jornais e revistas vendem

Beleza?

As doenças da beleza são enquadradas na classe dos transtornos obsessivo-compulsivos (TOC) e se caracterizam por uma percepção distorcida da realidade em relação à própria imagem. Veja as principais:

Anorexia

Quando vai cortando os alimentos, até não comer praticamente nada. Afeta mais adolescentes e jovens (15 a 25 anos).

Bulimia

Quando come em excesso, sente-se culpado e lança mão de artifícios para expelir a comida, como induzir o vômito ou usar laxantes com a finalidade de não ganhar peso.

Ortorexia

A pessoa sequer tem o controle da comida que consome, da pro-

cedência ao preparo. Incidência maior em adultos (a partir dos 30).

Vigorexia

É o complexo de Adônis. Uma insatisfação constante com o corpo que leva a prática de exercícios além da medida. Geralmente acomete homens. Faz uso de hormônios: desde anabolizantes a suplementos alimentares para ganhar massa corporal.

Lipofobia

Medo de gordura. Síndrome sociocultural, um medo irracional da gordura imaginária que vai beirando ao terror. A beleza se desvincula do biótipo e, principalmente, da saúde. Causa alterações da percepção da imagem corporal derivada da imposição social de um padrão corporal considerado ideal ao qual associam o sucesso e a felicidade.

não vai às festas, deixa de ir à praia ou qualquer outra atividade pública porque não quer expor o corpo socialmente, afetando até a rotina de trabalho. Enfim, o corpo começa a pautar toda a vida. Há as que não conseguem sequer se olhar no espelho. A barra é pesada.

Ideias – Qual é a queixa principal?

JOANA – A nossa sociedade está tão ditadora com a beleza, com o magro, com o ser saudável, que já há hoje o fenômeno da lipofobia: o medo de gordura. Ninguém quer ser amigo de gordo, que precisa representar diversos papéis do inteligente ao simpático. Não vamos demonizar tudo. Há o lado bom na preocupação com o corpo. Estamos mais saudáveis, vivemos mais. Porém, há exageros. É complicado até de identificar, pois a avaliação moral da sociedade é de que o sujeito é apenas vaidoso e está preocupado com sua saúde. Socialmente, o comportamento de preocupação demasiada com a beleza é vista com bons olhos em relação à pessoa que chega num churrasco e come de tudo sem estar preocupado com a manutenção do corpo.

Ideias – Então, apesar da regulação ser interna também há a regulação das relações sociais próximas...

JOANA – Sim. A família e amigos também são um regulador. Lá na clínica da PUC, há cerca de quatro meses, chegou uma mãe preocupada com a filha de cinco anos de idade, porque a menina não comia como os coleguinhas. Ela se recusava a comer pizza, churrasco, inclusive, em eventos sociais. Sabe o que foi observado na avaliação? A filha simplesmente estava mimetizando o comportamento da mãe, uma mulher extremamente vaidosa e preocupada com a aparência e o que comia. Criança reproduz sem se dar conta, não verbaliza. A criança aprende a comer em casa. Se o adulto não come algo, precisa verbalizar o porquê para a criança.

*Da Redação.